

LES YEUX SANS VISAGE / 1959

um filme de Georges Franju

Realização: Georges Franju / **Argumento:** Jean Redon / **Adaptação:** Boileau-Narcejac, Claude Sautet, Jean Redon / **Diálogos:** Pierre Gascar / **Fotografia:** Eugen Schufftan / **Cenários:** Auguste Capelier / **Montagem:** Gilbert Nabet / **Música:** Maurice Jarre / **Intérpretes:** Pierre Brasseur (Dr. Genéssier), Alida Valli (Louise), Edith Scob (Christiane), François Guérin (Jacques), Juliette Mayniel (Edna), Béatrice Altariba (Paulette), Alexandre Rignault e Claude Brasseur (os polícias), René Genin.

Produção: Jules Borkon / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendada em português, 85 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, 11 de Janeiro de 1960 / **Inédito comercialmente em Portugal.**

A sessão de dia 19 tem lugar na Esplanada 39 Degraus

Les Yeux Sans Visage tem sido apontado como uma das obras que marcam o renascimento do filme de terror na Europa, juntando-se às experiências britânicas da Hammer e às da Itália (Riccardo Freda e Mario Bava). Se tal filiação se justifica é mais por uma "atmosfera" do que pela utilização das formas mais conhecidas do género. Elas não faltam: o professor Genéssier pode ser comparado aos "sábios loucos" que povoaram o cinema de terror, Louise, a inquietante figura feminina, Christiane o seu contraponto de vítima e mártir; a mansão do médico ressuma a imagem gótica dos palácios malditos onde não faltam caves sombrias, lugar propício para estranhas experiências. Mas só o desejo de se ver num filme a manifestação de determinados sintomas poderá levar a insistir nela. A segunda longa metragem de Georges Franju é, como as restantes, uma obra pessoal, marcada pelas suas paixões sem necessidade de seguir quaisquer modas. Em qualquer outro tempo os filmes de Franju seriam exactamente os mesmos. A prova: a sua última longa metragem, **Nuits Rouges**, que projecta exactamente os mesmos fantasmas e modelos.

O que paira sobre o cinema de Franju é a sombra de Louis Feuillade, em especial a capacidade de um e outro transfigurarem a imagem "real" numa outra de cariz fantástico sem a intrusão de elementos estranhos (recorde-se o fabuloso **Les Vampires**), apoiando-se apenas na criação de uma atmosfera especial com recurso aos artifícios da iluminação. O cinema de Franju é um cinema de "luz", por muito pleonástica que pareça a afirmação. A luz é, mais do que um "personagem", o elemento criador da tensão e do drama, e não deixa de ser curioso que o filme seguinte a **Les Yeux Sans Visage** tenha exactamente o título de **Pleins Feux sur L'Assassin**, sendo os "pleins feux" os holofotes, e o motor dramático da acção. A Feuillade vai Franju buscar, também, as características folhetinescas dos seus filmes,

quando não os próprios argumentos: **Judex**, de 1963 não é uma nova versão do filme-folhetim de Feuillade, mas antes uma incursão na mesma atmosfera vaga e onírica, de onde a poesia irrompe da forma mais inesperada: a sequência das pombas em **Judex** retoma outra, bem mais conseguida e bela que vemos no fim de **Les Yeux**. É este clima que banha todo o filme que faz dele a melhor obra de Franju, ao lado da sua primeira longa metragem: **La Tête Contre les Murs**.

E há um elemento comum aos dois filmes que não se deve esquecer: o director de fotografia, que é nem mais nem menos do que Eugen Schufftan, mestre neste tipo de fotografia, na criação de climas estranhos sobre ambientes reais. Para além de inventor (o chamado "processo Schufftan" que consistia na utilização de um espelho a 45 graus da objectiva reflectindo uma maquete dando-lhe a ilusão de um tamanho "real", e que Fritz Lang utilizou pela primeira vez em **Metropolis**, e mais tarde Hitchcock em **Blackmail**, antes de se vulgarizar) Schufftan foi um fotógrafo para quem a iluminação era o elemento dramático fundamental e a ele se deve uma das obras mais significativas do "realismo poético" francês, **Quai des Brumes**. Mestre do preto e branco, ganhou um Óscar pelo seu trabalho em **The Hustler**, de Robert Rossen, realizador com quem voltaria a trabalhar em **Lilith**. A importância da iluminação é patente logo na sequência de abertura, de inspiração "languiana" com Louise transportando um corpo no seu carro na noite, com os faróis iluminando árvores de ramos tortuosos pelo caminho, e é particularmente sugestiva nos interiores com a personagem de Christiane, com os seus olhos que afloram da máscara que lhe cobre o rosto desfigurado, para se tornar o motivo por excelência na sequência final, com a fuga de Christiane, a libertação dos cães e a deslumbrante e fantasmagórica cena das pombas revoloteando em volta da rapariga.

Neste filme estranho, um elemento vem perturbar o que até então era pura ambiência poética: a cena em que se vê o rosto desfigurado de Christiane e a reacção de horror de Edna, a próxima vítima, ou os planos fixos das diversas etapas do rosto após o acidente. Se foi imposição do produtor não funcionou bem em termos de resultados de bilheteira. O projecto, tal como Franju o concebera, era bem mais interessante: o rosto nunca era mostrado e no final, fugindo sob a chuva, ela encontra um par de namorados, de que só vemos a expressão de horror nos rostos. O horror sugerido é mais eficaz do que o visual, como Ulmer e Jacques Tourneur bem sabiam. O rosto desfigurado surge aqui como uma excrescência dramática, como a "imagem" do demónio em **Night of the Demon** de Tourneur. Mas apesar do desequilíbrio que essa cena introduz, Franju soube impor um clima onírico que se mantém em todo o filme e faz de **Les Yeux Sans Visage** uma das obras mais insólitas do cinema francês no ano da "nouvelle vague".

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico